

ILUSTRAÇÕES DE PRINCÍPIOS E PROCEDIMENTOS DA ANÁLISE PARADIGMÁTICA E SINTAGMÁTICA

Alex Alves EGIDO

Simone REIS

Universidade Estadual de Londrina - UEL

The way in which we know is most assuredly tied up with both *what*
we know and our *relationships with our research participants*.
Lincoln & Guba (2006, p.281)

Resumo: Tendo em vista a constante transformação epistemológica que orienta o conhecimento produzido na área da Linguística Aplicada, este artigo visa a ilustrar princípios e procedimentos da Análise Paradigmática e Sintagmática (REIS, 2015; 2018). Dentre as justificativas para isso, salientam-se duas de cunho científico, a saber: (i) necessidade de textos de caráter didático, a fim de embasar análises de pesquisadores da linguagem que se proponham a usar a APS como método analítico, e (ii) desejo de suscitar discussões teórico-procedimentais da aplicação da APS, visando a seu aprimoramento. Tais exemplificações são recortes de uma sessão de orientação. Dentre as possibilidades de avanço da APS, salientamos algumas de cunhos científico e social. Quanto à primeira (i.e. científica), há necessidade de aplicação e conseqüente aprimoramento do método, bem como promoção de espaços acadêmicos à sua discussão. No que concerne à segunda (i.e. social), ressaltamos a necessidade de outros procedimentos de pesquisa pelos quais as vozes dos participantes possam ser incluídas e ou eles participem da investigação, o que a APS já tem possibilitado.

Palavras-chave: Linguística Aplicada. Análise Paradigmática e Sintagmática. Construcionismo Social.

ILLUSTRATIONS OF PRINCIPLES AND PROCEDURES OF PARADIGMATIC AND SYNTAGMATIC ANALYSIS

Abstract: Based on a constant epistemological transformation that guides the knowledge produced on Applied Linguistics area, this paper aims at illustrating principles and procedures of Paradigmatic and Syntagmatic Analysis (REIS, 2015; 2018). Among the reasons, it is emphasized two of scientific nature, namely: (i) necessity of didactic texts in order to support researchers, who want to adopt PSA as an analytical method; and (ii) encouragement of theoretical and procedural discussions concerning the use of PSA. Such illustrations are excerpts from an orientation session. Regarding PSA advancements, it is highlighted a few of scientific and social bases. The former refers to the necessity of use and consequent method improvement, as well as academic opportunities to its discussion. The latter welcomes other research procedures

whose focus is centered on incorporating participants' voices, what PSA has been already promoting.

Keywords: Applied Linguistics. Paradigmatic and Syntagmatic Analysis. Social Constructionism.

ILUSTRACIONES DE PRINCIPIOS Y PROCEDIMIENTOS DE ANÁLISIS PARADIGMÁTICO Y SINTAGMÁTICO

Resumen: Teniendo en vista la constante transformación epistemológica que direcciona el conocimiento producido en el área de la Lingüística Aplicada, este artículo propone ilustrar principios y procedimientos del Análisis Paradigmático y Sintagmático (REIS, 2015; 2018). Entre las justificativas para eso, se destacan dos de carácter científico, a saber: (i) necesidad de textos de género didáctico, con la finalidad de basar análisis de estudiosos del lenguaje que se propongan a usar el APS como método analítico, y (ii) deseo de suscitar discusiones teórico-procedimentales de la aplicación del APS, con vistas a su perfeccionamiento. Tales ejemplificaciones son secciones de un apartado de orientación. En medio a las posibilidades de avance del APS, subrayamos algunas de mayor carga científica y social. Con relación a la primera (e.g. científica), hay necesidad de aplicación y consiguiente perfeccionamiento del método, así como promoción de ambientes académicos a su discusión. En lo relativo a la segunda (e.g. social), señalamos la necesidad de otros procedimientos de búsqueda por los cuales las voces de los participantes puedan ser incluidas y o ellos participen de la investigación, que el APS ya tiene posibilitado.

Palabras clave: Lingüística Aplicada. Análisis Paradigmático y Sintagmático. Construcciónismo Social.

INTRODUÇÃO

É no cenário de desenvolvimento de pesquisa qualitativa, especificamente dos Estudos da Linguagem, que se insere a *Análise Paradigmática e Sintagmática* (APS), elaborada para estudos de linguagem humana pela brasileira, linguista aplicada, Simone Reis. A APS é resultado de sua meta-cognição exercitada em suas pesquisas e aperfeiçoada por meio de suas orientações de pesquisas no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL) da Universidade Estadual de Londrina (UEL).

Sendo método e metodologia, a APS está embasada ontológica e epistemologicamente no *Construcionismo Social* e pautada pela *ética emancipatória* (REIS; EGIDO, 2017). O processo de análise é desenvolvido por meio de leituras cíclicas dos dados, que ocorrem indutiva-dedutivamente à proposição de classificações. Ao compreender a linguagem como *instrumento de poder*, o método analítico propõe procedimentos dialógicos e de intersubjetivação por

Instrumentos humanos (REIS, 2008) tanto da análise quanto da redação do relato final das pesquisas.

Crescente número de pesquisas de Mestrado (e.g. SENEFONTE, 2014) e de Doutorado (e.g. CHIMENTÃO, 2016; CORADIM, 2015; D'ALMAS, 2016; SENEFONTE, em andamento; PETRECHE, em andamento), tem analisado dados da linguagem humana sob a ótica da APS. Os estudos são, majoritariamente, conduzidos por membros do grupo de pesquisa *Linguagem & poder* (CNPq), coordenado pela proponente da APS.

Neste artigo, buscamos ilustrar princípios e procedimentos da APS. Dentre as justificativas para isso, salientamos duas de cunho científico, a saber: (i) necessidade de textos de caráter didático, a fim de embasar análises de pesquisadores da linguagem que se proponham a usar a APS como método analítico, e (ii) desejo de suscitar discussões teórico-procedimentais da aplicação da APS, visando a seu aprimoramento.

Após esta introdução, apresentamos e discutimos a APS, bem como contribuições do Construcionismo Social para sua fundamentação. Em seguida, situamos o leitor no contexto deste estudo e por quais meios conduzimos a geração de dados. No quarto momento, passamos à ilustração de princípios e procedimentos do método analítico e, por fim, apresentamos uma síntese do estudo e discutimos contribuições de cunhos ontológico, epistemológico e ético a pesquisas construcionistas sociais.

1. CONSTRUCIONISMO SOCIAL E ANÁLISE PARADIGMÁTICA E SINTAGMÁTICA

Nesta seção, discutimos os princípios que norteiam investigações centradas no *Construcionismo Social*. Em seguida, tecemos considerações quanto aos princípios da APS e sua aplicação. O construcionista social compreende a realidade (i.e. visão ontológica) como relativista, ou seja, construída localmente pelos agentes envolvidos e aberta a novos arranjos. Esta concepção diverge daquelas de positivistas e etnógrafos tradicionais que apreendem a realidade como passível de total representação e objetividade¹ pelo pesquisador. Essas acepções ontológicas orientam a postura do pesquisador ao conduzir sua investigação. Questões

¹ Esta acepção de realidade é chamada de ingênua e objetivista por pesquisadores de paradigmas pós-modernos.

relativas a o que é considerado conhecimento, por quais meios ele é construído², validado e a quem este beneficia são traços de visão epistemológica. (LINCOLN; GUBA, 2006).

No *Construcionismo social* o conhecimento é transacional, subjetivista, parcial e provisório e seus significados são construídos. Isso implica que resultados construídos em um estudo não podem ser generalizados e reproduzidos por outro pesquisador que conduz o mesmo desenho de uma pesquisa. O pesquisador ainda dispensa visão ingênua da realidade, quando situa o conhecimento produzido em termos políticos e ideológicos, visto que tal não é neutro. (SCHWANDT, 2006).

As características dialógicas dessa epistemologia também perpassam sua acepção de ética em pesquisa. Esta transcende posturas comumente adotadas e classificadas como formais (CHRISTIANS, 2006) ou burocráticas (REIS; EGIDO, 2017). Além de procedimentos éticos de pesquisa previstos por órgãos reguladores, a ética emancipatória (REIS; EGIDO, 2017) propõe relação dialógica entre pesquisador e participante. O retorno daquele com a análise a este antes da conclusão do relato final é um dos procedimentos caros a dialogicidade e que dá poderes aos participantes para questionarem a análise do pesquisador.

A APS é método e metodologia para análise da linguagem humana, que supre lacunas da etnografia e da Grounded Theory. Àquela, porque a APS conduz à síntese, à esta, porque a APS não descarta exceções. O processo de análise acontece por meio de leituras cíclicas dos dados, feitos indutiva-dedutivamente para proposição de categorias. As classificações são de tipos hiperonímicos e hiponímicos na fase paradigmática. Na fase sintagmática, a linguagem do pesquisador, ao relatar a pesquisa, é entendida como *instrumento de poder*, razão pela qual tal método analítico propõe procedimentos dialógicos e de intersubjetivação tanto da análise quanto de sua redação com *Instrumentos humanos* (REIS, 2008) e com os participantes.

2. GERAÇÃO DE DADOS

O contexto de geração de dados é o curso de graduação de Letras - Inglês da UEL, especificamente a disciplina *6EST114 Estágio em Língua Inglesa II*, obrigatória a alunos do quarto

² Pesquisas de caráter positivista e pós-positivista, por exemplo, optam por escolhas verbais como: descoberto, revelado e testado. Estas escolhas semânticas carregam significados próprios.

ano. Dentre as atribuições dos estudantes regularmente matriculados nesta disciplina, citamos como exemplos a (i) condução de 48 horas-aulas em contexto educacional básico, seja público ou privado, e a (ii) proposição e o desenvolvimento de uma pesquisa relacionada à prática docente.

Em relação ao nosso escopo profissional, o Laboratório de Línguas da UEL foi o contexto no qual conduzimos aulas de língua inglesa (doravante, LI) a alunos do nível 3 no primeiro semestre acadêmico de 2017. Na figura intitulada “fases da pesquisa e recorte para ilustração da APS”, ilustramos os momentos da pesquisa percorridos até então e que ensejam este relato. Abordamos, brevemente, tais fases, a fim de situar o leitor quanto ao uso da APS (REIS, 2015; 2018).

No primeiro encontro do curso, além de informações gerais das aulas, explicamos aos alunos a nossa necessidade de desenvolver uma pesquisa relacionada à prática de estágio para a disciplina supracitada. Após lhes esclarecer dúvidas sobre por quais meios a pesquisa seria conduzida em relação às aulas de LI, os alunos consentiram oralmente com sua condução. Os dados foram gerados com o suporte de material visual³ (i.e. imagens de buscas eletrônicas sobre profissões), a fim de promover indagações aos alunos. Tais dados, gravados em áudio, foram transcritos e, posteriormente, analisados segundo a APS (REIS, 2015; 2018).

Após análise indutiva inicial dos dados e proposição de categorias, nós os compartilhamos com nossos colegas do grupo de pesquisa *Linguagem & Poder* (CNPq). Nessa fase do estudo, buscamos dialogicidade das análises, segurança quanto às categorias inicialmente propostas e suas classificações. Ao recebermos os retornos dos trianguladores, precisamos reclassificar alguns excertos e tivemos segurança quanto a outros. Terminada essa fase, passamos à redação das respostas das perguntas de pesquisa⁴. Por fim, encaminhamos, via mensagem eletrônica, as análises, as respostas das perguntas de pesquisa e o glossário das categorias aos participantes.

³Em momento anterior a esta aula, preparamos o material (i.e. primeiro balão da Figura 1) visando a fomentar a discussão sobre profissões.

⁴(i) In what terms do the participants comprehend the professional and educational contexts? e (ii) In what terms do the gender and ethnicity influence one's' interactions?

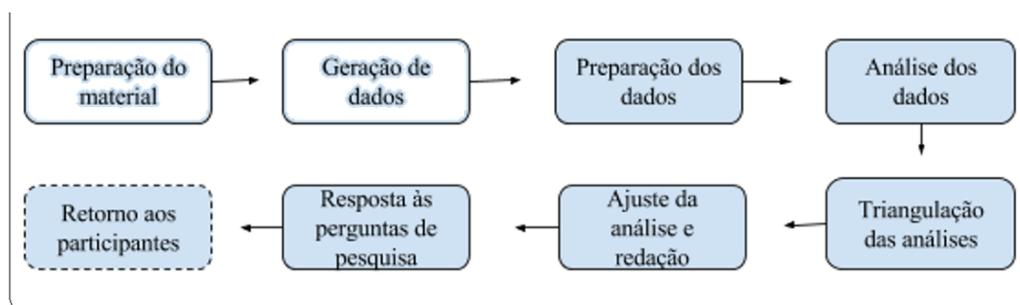


Figura 1: Prática de Ensino/Pesquisa

Fonte: Os autores.

O retorno aos participantes da pesquisa é uma conduta prevista na APS. Pesquisadores que nos precederam o fizeram de forma igual ou diferente. Chimentão (2016) e D’Almas (2016), por exemplo, também encaminharam seus resultados de análise via e-mail aos participantes. O encontro presencial não é o único meio à discussão desse material (e.g. CHIMENTÃO, 2016). Na mensagem que enviamos aos participantes, os indagamos sobre a disponibilidade para que nos encontrássemos pessoalmente, a fim de discutirmos o material que compartilhamos com eles. Encontramos Caroline e Luiz⁵, em 20 e 21 de novembro de 2017, respectivamente. Ambos os encontros foram gravados em áudio e transcritos. Novamente, analisamos as transcrições sob a ótica da APS. Em seguida, marcamos reunião remota, via Skype, para discutirmos a análise inicial em 07 de dezembro de 2017.

A reunião, gravada em áudio e transcrita (Apêndice A), durou cerca de 15 minutos. Nesse período, discutimos as classificações feitas até então e a necessidade de mover excertos e ou alterar categorias. Por meio do Skype, utilizamos o recurso tecnológico de compartilhamento de telas. Assim, tanto pudemos rever o quadro analítico inicial (Apêndice B) e acompanhamos, simultaneamente, as alterações que fizemos. O resultado dessa orientação foi um novo quadro analítico, que pode ser visualizado no Apêndice C.

Com o propósito de ilustrar princípios e procedimentos da APS, neste artigo, usamos excertos da transcrição de reunião e quadros analíticos (i.e. anterior e posterior à orientação), bem como representação sinótica (viz. quadros). Quando necessário, recorreremos a textos da APS (REIS, 2015; 2018) com o intuito de embasar as ilustrações.

⁵ Os participantes optaram por manter seus nomes reais em relatos decorrentes daquela investigação.

3. PRINCÍPIOS E PROCEDIMENTOS DA APS: ILUSTRAÇÕES

Nesta seção, apresentamos e discutimos 7 princípios e procedimentos da APS, a saber: (i) retorno da análise aos participantes, (ii) leituras cíclicas dos dados, (iii) readequação dos quadros analíticos, (iv) categorização hiperonímica, (v) inclusão de vozes dissonantes e contraditórias, (vi) elaboração de glossário e (vii) entrada para redação analítica. Ao apresentá-los nesta sequência, visamos a introduzir, em cronologia crescente, ao leitor algumas ocorrências da fase analítica da APS.

O primeiro procedimento proposto pela autora (REIS, 2018, p. 149) e que ilustramos refere-se à seguinte afirmação: “[o] retorno do pesquisador aos participantes difere-se de *devolutiva* de resultados *para* estes, pois a finalidade ultrapassa interesses de confirmação de análise do pesquisador”. Neste excerto, a linguista aplicada argumenta quanto à necessidade de compreender e conduzir, o retorno das análises aos participantes, a fim de dar-lhes voz. Por meio deste procedimento dialógico, característico da acepção de *ética emancipatória* (REIS; EGIDO, 2017), tanto pesquisador quanto participantes podem ainda aprender e propor modificações nas análises e ou na forma com que o relato foi redigido.

Ilustramos o procedimento supracitado com o encaminhamento de nossas análises e respostas às perguntas de pesquisas aos participantes de nosso estudo, com o propósito de ouvir e considerar seus comentários. Os encontros foram conduzidos individualmente com cada participante em local e data de sua escolha. As interações foram gravadas em áudio, transcritas e analisadas sob a ótica da APS. Além de comentários de validação da análise, os participantes também fizeram indagações, observações e sínteses (e.g. Apêndice C).

No que concerne aos procedimentos analíticos da APS, entendemos ser possível exemplificar 4 deles com base em nossos dados. No que diz respeito à leitura cíclica do material de análise, Reis (2015, 2018) propõe rascunhar classificações e, em nova leitura dos dados, certificar-se de sua sustentabilidade analíticas. Essa técnica de leitura foi registrada na sessão de orientação (Apêndice A), especificamente na seguinte fala de Reis:

[...] conforme vamos percorrendo os dados, para um determinado excerto, precisamos pensar: qual a classificação que vamos propor e que não seja incompatível com as anteriores que acabamos de colocar. Por exemplo: em uma coluna de sub hipônimos. Então, se eu acabei de colocar tradição

e inovação, eu tenho que ver: essa classificação é aplicável ao próximo excerto? Ou algumas das classificações anteriores se aplicam a alguns dos próximos excertos? Se elas não se aplicarem e o excerto pedir outra classificação, eu tenho que pensar: se eu colocar outra classificação, essa classificação é coerente e não vai destoar da natureza / do tipo de classificação que eu coloquei antes? Se ela for totalmente diferente no sentido de destoar, eu preciso pensar em renomear as classificações anteriores, de tal forma que elas ainda contemplem os excertos já classificados e sejam coerentes com a última classificação feita. (L. 28-38)

Concluídas as classificações dos dados, é necessária a readequação das colunas e linhas, com atenção à ordem hiperônimo - hipônimo - excerto. Esta fase é possível com o auxílio de recursos computacionais. Ao visualizar as grades exibidas nos Apêndices B e C, o leitor pode observar o deslocamento de colunas, supressão, mescla, adição de linhas e reorganização de excertos, a fim de respeitar a sequência dos hipônimos. Essas (re)organizações são feitas ao final da análise, com o propósito de apresentar ao leitor as categorias de modo o mais sintético possível. Por exemplo, no quadro 1, há duas categorias (i.e. *retrospecção* e *prospecção*) com suas respectivas subcategorias. Assim, todos os excertos que foram classificados como *retrospecção* foram movidos para a parte superior do quadro e os de *prospecção*, para a inferior, conforme as ilustrações abaixo nos quadros 1 e 2, resultados anterior e posterior à sessão de orientação, respectivamente.

Quadro 1: Quadro analítico anterior a sessão de orientação

Hiperônimo	Hipônimo	Sub hipônimo	Excertos
Ganho	Cognição	Positiva	
		Negativa	
	Interpessoal		
	Educativa	Retrospecção	
		Prospecção	

Fonte: Os autores.

Quadro 2: Quadro analítico posterior a sessão de orientação

Hiperônimo	Hipônimo	Sub hipônimo	Excertos
Cognição	Retrospecção	Suficiência	
		Insuficiência	
		Tradição	
	Prospecção	Inovação	
		Científico	

		didático	

Fonte: Os autores.

O quadro 2, resultado da sessão de orientação, também ilustra outro princípio da APS, que se refere à classificação hiperonímica. A categoria *cognição* estava anteriormente na coluna de hipônimos (ver quadro 1), mas, ao percebermos, no decorrer da análise, que tanto os excertos de *retrospecção* quanto os de *prospecção* estavam subordinados à *cognição*, fizemos a inversão de colunas. Esse procedimento foi tomado, em razão do conceito de *hiperônimo* mencionado pela pesquisadora: “[...] o que será hiperônimo? Será a maior unidade semântica possível da qual se derivam outras classificações” (Reis, L. 90-92).

Ao observar o quadro analítico disponível no Apêndice C, o leitor, baseado em outros métodos analíticos como, por exemplo, a *Grounded Theory*, poderia questionar a criação de categorias para somente um excerto. Contudo, pesquisadores que adotam a APS argumentam que uma classificação pode ser proposta para somente um excerto, desde que este responda à pergunta de pesquisa e ilustre a heterogeneidade de visões de mundo dos participantes.

Ainda no que diz respeito à proposição de categorias, Reis (2018, p. 150) afirma que “a classificação dos dados resulta das tentativas de incluir aquilo que poderia ser entendido como diferenças [...]”. Nesse sentido, dentre as categorias analíticas resultantes da sessão de orientação, destacamos: os hipônimos *retrospecção* e *prospecção* e os hiperônimos *suficiência* e *insuficiência* e *tradição* e *inovação*⁶. Esse procedimento converge com o supracitado, quanto à inclusão de vozes dissonantes e contraditórias nos quadros analíticos.

Concluída a tarefa analítica, o pesquisador passa à redação da análise. Nessa fase, ele informa ao leitor sua acepção dos termos analíticos empregados. Para tanto, o pesquisador elabora um glossário com as categorias criadas. Esse instrumento pode tanto se valer de contribuições de outros estudos na área quanto à elaboração de novos conceitos⁷. No excerto abaixo, a linguista aplicada informa sobre a elaboração, empréstimo de termos analíticos e propósito do glossário.

⁶ Para leitura de outras categorias analíticas binárias, sugerimos a leitura dos seguintes estudos doutorais: Chimentão (2016) e D’Almas (2016).

⁷ Ao analisar os retornos de nossas análises aos participantes, por exemplo, importamos o conceito de inovação e de tradição do estudo de Chimentão (2016).

Os termos desse glossário se aplicam no contexto da pesquisa em relato (correspondendo à epistemologia subjetivista, relacional e relativista da APS), sendo que podem ser aproveitados parcial ou integralmente em outras análises. Quando esse é o caso, os termos do glossário (classificações) desempenha um papel dedutivo para análises e podem ser mantidos ou descartados ao longo da classificação dos dados de novas pesquisas. (REIS, 2018, p. 153)

Em relação à redação das análises e respostas às perguntas de pesquisa, Reis (2018, p. 151) sugere uma entrada que pode ser usada pelo pesquisador da linguagem, a saber: “A resposta dos participantes é *em termos de...*”. Desse modo, o linguista aplicado pode se referir ao conteúdo dos quadros em termos analíticos (i.e. substantivos). Por exemplo, com base em nossa análise (Apêndice C), entendemos ser possível afirmar que os participantes expressam suas cognições *em termos de* retrospectão e prospecção. Aquele, ao relatarem momentos de insuficiência e suficiência do uso da língua inglesa, bem como aspectos tradicionais em experiências educacionais nas quais eram alunos. Este, ao mencionarem o contato com outras experiências de ensino, classificadas como inovadoras, assim como antever avanços em termos científico e didático. Pudemos experienciar esse procedimento na sessão de orientação e, posteriormente, na redação da análise. Quanto à aquela (i.e. sessão de orientação), Reis explicou:

Por que eu digo que não acho que sejam classificações que vão se sustentar para a possibilidade de se afirmar a análise? Porque temos que tentar fazer afirmação com os termos analíticos que estão nas grades, somente com esses termos. Porque o excerto vem apenas para ilustrar e para dar suporte à afirmação feita. Então, eu não posso tentar fazer uma afirmação já comentando o excerto. Eu tenho que fazer afirmação tão somente com os termos analíticos classificatórios que estão na grade [...] (Reis, L. 21-28)

Por fim, esclarecemos ao leitor que as ilustrações apresentadas não contemplam todas as possibilidades de ocorrências ao adotarmos a APS. Assim, buscamos exemplificar algumas das quais tivemos a oportunidade de vivenciar na referida sessão de orientação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste relato, buscamos ilustrar princípios e procedimentos da APS a pesquisadores da linguagem. Para tanto, fizemos considerações quanto aos conceitos que embasam a APS, a saber: epistemologia, ontologia e ética orientadas pelo *Construccionismo Social*. Ao refletirmos sobre o processo analítico que vivenciamos, compreendemos que tivemos ganhos enquanto

pesquisadores e pessoas, analistas e usuários da linguagem, respectivamente. Nossa visão de linguagem enquanto instrumento de poder tornou-se mais fortalecida em razão da experiência que o uso da APS nos possibilitou.

Ademais, nossa aceção de realidade e em quais termos conhecimento é construído foram igualmente expandidos. Os elementos sinóticos (Apêndices B e C) demonstram a reorganização de excertos, elaboração de novas categorias e supressão de outras. Isso nos possibilita visualizar como nossas cognições foram se modificando e expandindo no decorrer da pesquisa e em contato com o outro (i.e. orientando e orientadora). Também concluímos este relato cientes que o conhecimento que produzimos é parcial, transitório e fruto de nossas interações em determinado espaço temporal.

A *ética emancipatória*, princípio adotado pela APS, é outro aspecto central neste manuscrito. Ao propormos o retorno do pesquisador com as análises aos participantes, a fim de fortalecer e incorporar suas vozes, essa concepção de ética em pesquisa igualmente permite construção de conhecimento entre pesquisadores e participantes. Embasados neste relato e na reunião de orientação (Apêndice A), reconhecemos que o compartilhamento de análises entre pesquisadores e orientadores resulta também em expansão do conhecimento. Defendemos que tal modificação e ou expansão analítica seja registrada no relato final da pesquisa.

Em síntese, nossas trajetórias como pesquisadores da linguagem que adotam a APS são perpassadas de momentos reflexivos e ganhos mentais que acontecem por meio da experiência que esse método analítico nos possibilita. Apesar de recente, comparada a outros métodos qualitativos de análise (e.g. Etnografia e *Grounded Theory*), a APS tem sido adotada em escopo crescente e coerente de pesquisas dos Estudos da Linguagem (e.g. CHIMENTÃO, 2016; CORADIM, 2015; D'ALMAS, 2016; SENE FONTE, em andamento; PETRECHE, em andamento).

Dentre as possibilidades de avanço da APS, salientamos algumas de cunhos científico e social. Quanto à primeira (i.e. científica), há necessidade de aplicação e conseqüente aprimoramento do método, bem como promoção de espaços acadêmicos à sua discussão. No que concerne à segunda (i.e. social), ressaltamos a necessidade de outros procedimentos de

pesquisa pelos quais as vozes dos participantes possam ser incluídas e ou eles participem da investigação⁸, o que a APS já tem possibilitado.

REFERÊNCIAS

CHIMENTÃO, L. K. *Entre quatro binários: um estudo sobre desenvolvimento profissional docente*. 2016. 357 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2016.

CORADIM, J. N. *Ciclos reflexivos alternativos*. 2015. 348f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015.

D'ALMAS, J. *Da passividade à agência: desenvolvimento de professoras como resultado de empoderamento*. 2016. 307 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2016.

LINCOLN, Y. S.; GUBA, E. G. Controvérsias paradigmáticas, contradições e confluências emergentes. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Org.). *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Porto Alegre: Artmed, 2006. p.170-192.

PETRECHE, C. C. *Educação de professores de língua inglesa no Estado do Paraná: uma metapesquisa*. Projeto de Pesquisa Doutoral em Estudos da Linguagem. Plataforma Brasil. CAAE 64313717.7.0000.5231. Data de Submissão: 01/02/2017. Aprovado em: 08/02/2017.

REIS, S. *Análise Paradigmática e Sintagmática em Pesquisa Qualitativa com Dados de Linguagem Humana*. Signum: Estudos da Linguagem, Londrina, v.21, n.2, 2018, p.147-171

_____. *Análise Paradigmática e Sintagmática*. Disponível em <
http://www.uel.br/pessoal/sreis/pages/arquivos/PUBLICACOES/MEMOS/SIMONE%20REIS_2015_ANALISE%20PARADIGMATICA%20E%20SINTAGMATICA.pdf> Acesso em: 18 dez. 2017.

_____. Triangulação em pesquisa qualitativa: consistência, divergência, alternatividade e causas. In: DURÃO, A. B. A. B.; ANDRADE, O. G.; REIS, S. (Org.). *Reflexões sobre o ensino das línguas estrangeiras*. Londrina: Eduel, 2008. p.85-105.

REIS, S.; EGIDO, A. A. Ontologia, Epistemologia e Ética como determinantes metodológicos em Estudos da Linguagem. In: REIS, S. (Org.). *História, Políticas e Ética na área profissional da linguagem*. Londrina: Eduel, 2017. p.227-250.

SCHWANDT, T. A. Três posturas epistemológicas para investigação qualitativa: interpretativismo, hermenêutica e construcionismo social. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S.

⁸ Sugerimos a leitura da tese de doutorado de Lilian Kemmer Chimentão (2016), na qual os participantes participaram ativamente da geração de dados.



(Org.). *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Porto Alegre: Artmed, 2006. p.193-217.

SENEFONTE, F. H. R. *Inglês Informal: Ensino e Formação de Professores*. Projeto de Pesquisa Doutoral em Estudos da Linguagem. Plataforma Brasil. CAAE: 57569916.0.0000.5231. Data de Submissão: 01/08/2016. Aprovado em: 08/08/2016.

_____. *Puro x Impuro / Sagrado x Profano: Percepções de professores sobre gírias nas aulas de inglês*. 2014. 171f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2014.

APÊNDICE A - REUNIÃO DE ORIENTAÇÃO

Recursos de editoração:

[] = informação complementar à compreensão

Grifo = hiperônimos e (sub)hipônimos

Itálico = excerto analisado

Simone: Só para retomar: estamos gravando isso. Quando você me apresenta a grade e nós vamos revisando os excertos para ver se eles são coerentes com a classificação que você propôs, ao ler alguns deles, me deparo com um que parecia incoerente com a classificação. Quanto você acha que tudo bem, eu, por ser estranha ao contexto de geração de dados e tudo mais, estou tentando ver se está escrito realmente aquilo que permitiria a eu vincular a classificação que você propôs. Como eu não me convenci da possibilidade relacional: excerto com a classificação, eu propus: ou você traz outro excerto que seja coerente, ou você muda a classificação porque ela pode estar inadequada. Então, após fazermos isso, eu disse: me parece que, dentre esses excertos, o que alguns deles têm em comum é que alguns falam de suficiência da língua e outros da insuficiência. Quando um é insuficiente, eu penso que ele não pode ser um ganho porque ele era uma condição para fazer algo e não uma decorrência de algo. No caso, com base nos dados. Portanto, eu considero a classificação ganho, que é emprestada do trabalho de D'Almas e também do trabalho de Chimentão, ela não cabe aí. Percorrendo os dados um pouco mais pela sua grade e verificamos próximas classificações e excertos, nos deparamos com um dos excertos que você tinha classificado de um modo quando, diz respeito a um trecho que era relativo ... que colocamos como tradição e inovação. Quais eram as classificações anteriores, Alex?

Alex: Retrospecção e prospecção.

Simone: Em um pode haver a prospecção. E então vamos percorrendo, mas a prospecção não necessariamente se aplica a tudo. Continua percorrendo os dados se eles são coerentes que essas possibilidades, uma que era retrospecção e a outra que era prospecção. Por que eu digo que não acho que sejam classificações que vão se sustentar para a possibilidade de se afirmar a análise? Porque temos que tentar fazer afirmação com os termos analíticos que estão nas grades, somente com esses termos. Porque o excerto vem apenas para ilustrar e para dar suporte a afirmação feita. Então, eu não posso tentar fazer uma afirmação já comentando o excerto. Eu tenho que fazer afirmação tão somente com os termos analíticos classificatórios que estão na grade que, até o final da análise, não sabemos se eles são hipônimos, sub hipônimos ou se eles

serão hiperônimos. Não sabemos porque conforme vamos percorrendo os dados, para um determinado excerto precisamos pensar: qual a classificação que vamos propor e que não seja incompatível com as anteriores que acabamos de colocar. Por exemplo: em uma coluna de sub hipônimos. Então, se lá em cima eu acabei de colocar tradição e inovação, eu tenho que ver: essa classificação é aplicável ao próximo excerto? Ou algumas das classificações anteriores se aplicam a alguns dos próximos excertos? Se elas não se aplicarem e o excerto pedir outra classificação, eu tenho que pensar: se eu colocar outra classificação, essa classificação é coerente e que não vá destoar da natureza / do tipo de classificação que eu coloquei antes? Se ela for totalmente diferente no sentido de destoar, eu preciso pensar em renomear as classificações anteriores, de tal forma que elas ainda contemplem os excertos já classificados e sejam coerentes com a última classificação feita. Então vamos olhar o trecho que diz *“Eu acho que é interessante até para você comparar no futuro como foi mudando a concepção de aula. Por exemplo, agora é o seu projeto de pesquisa em 2017, daqui 10 anos serão outras pessoas pesquisando metodologias de aula e se elas se depararem com o seu projeto elas podem comparar, sabe? “Ah, antes eles estavam começando a introduzir uma temática diferente; agora, no inglês conversamos sobre isso e mais coisas ainda” Então, acho que é legal porque você consegue contribuir para a pesquisa dos outros também”*. Então, o que ela está falando aqui neste excerto, a participante, não tem haver nem com suficiência nem com insuficiência linguística, não tem haver com tradição e eu não vejo traço de inovação. Eu concordo que é um excerto que se dá com prospecção, acho que sim. E se isso for prospecção, tudo o que veio antes, por exemplo, pode cair em retrospecção. Retrospecção sobre o que? Retrospecção sobre a insuficiência do inglês. Pode ser?

Alex: Pode. Você se refere a fase paradigmática?

Simone: Sim, ainda estamos na paradigmática. Se você subir a grade novamente, você vai ver que não posso manter só cognição, o ganho nós já eliminamos. Mas no lugar, por exemplo, de ganho poderia ser retrospecção porque todos os excertos acima se referem ao aluno olhando de fora e de volta para sua experiência, como se ele se colocasse no passado: retrospecção. Retrospecção sobre o que? Retrospecção sobre a cognição, no caso, conhecimento é uma possibilidade de cognição. Quando se falou de conhecimento, se falou de suficiência linguística e insuficiência. Todavia, quando você tem um excerto de prospecção, prospecção parece que vai ser um hiperônimo porque ao invés de a pessoa estar olhando para o passado e o conhecimento linguístico, ela está olhando para o futuro, então: prospecção, mas ela não está olhando para o conhecimento de língua. Ela está olhando para um conhecimento que pode ser, no caso, ela está falando de pesquisa, de ensino de língua estrangeira e de temáticas. Então, poderia ser um

conhecimento didático - científico, não poderia?

Alex: Sim.

Simone: Um conhecimento didático - científico relacionado a prospecção. Prospecção do que? Acho que aí cognição ainda se mantém. Mas que tipo de conhecimento? Aí, particularmente para o excerto da Caroline, esse que eu acabei de ler, eu o classificaria como uma prospecção didático - científica. Vamos ver se tem algum outro que se enquadra, ou que caiba no didático, ou no científico.

Alex: Só tem mais um.

Simone: Então, *“Então, talvez daqui há 10 ou 15 anos seja normal discutir esses temas. Talvez, no futuro, passem a achar que o padrãozinho é falar de todos os tipos de família, entendeu?”* Eu acho que esse aí é o didático também. Por exemplo, se Caroline e Luiz falam do didático e do científico, então você vai ter na cognição o didático e o científico Eles serão sub hipônimos. Então, você vai colocar parte do excerto do Luiz no didático, vai manter o de Caroline do didático, e uma parte do excerto do Luiz, sozinho, no científico. Aí, quando eu tenho inovação, da inovação e da tradição, eu acho que Caroline tanto fala de inovação quanto de tradição. Só que *“[...] todas as aulas de língua inglesa que fiz, tanto em colégios, quanto cursos fora, antes de começar aqui; geralmente, as temáticas eram meio padrão, sabe?”* Isso não é retrospecção?

Alex: Sim.

Simone: Então ela vai para o quadro da retrospecção, não pode ficar no da prospecção.

Alex: Sim, a divisão é aqui [ilustração no quadro]. Vou reorganizar o quadro depois.

Simone: Ata. Depois, na tradição ela pode ficar. Muito legal isso porque tradição e inovação vão ficar dentro de cognição mas subordinadas a que? Subordinadas a retrospecção. Abaixa mais o quadro [projeção na tela do computador]. Olha como ficou: você tem retrospecção e prospecção. Você tem cognição. Agora, tendo em vista que tudo é cognição.

Alex: Dá para inverter, né?

Simone: É para inverter. Dever inverter. Porque esse é um princípio que você pode anotar com base na experiência da análise da APS. Acabou de visualizar isso, ou seja, o que será hiperônimo? Será a maior unidade semântica possível da qual se derivam outras classificações. Como sabemos isso? Sabemos depois de fazer esse exame. Depois de ter essa visualização. Imagine discutirmos tudo isso, Alex, sem nenhum recurso de visualização. É extremamente abstrato e sem ter a possibilidade de ensaiar. Ensaiar as classificações e discuti-las. Então, fazendo esse exercício, é realmente possível ver quando algo muda de posição dentro da Análise Paradigmática Sintagmática. É possível reconhecer o que passou a ser hiperônimo e o que passou

a ser hipônimo e sub hipônimo. Tudo bem?

Alex: tudo bem.

Simone: Você viu como agora pacificou e está tudo perfeito?

Alex: Agora fica mais fácil para fazer a descrição.

Simone: Então, você procure nos glossários de suas colegas se esses termos já existem definidos. Se eles se aplicam perfeitamente aos seus dados, ou se seus dados pedem ajustes dos conceitos. Quando a definição das colegas não for suficiente, de acordo com seus dados, aí você mostra ao leitor em qual sentido seus dados modificam ou expandem os conceitos

APÊNDICE B - QUADRO ANALÍTICO ANTES DA REUNIÃO DE ORIENTAÇÃO

Profit	Cognition	Positive	Luiz: Eu fui me auto avaliando conforme estava lendo e fui pensando no que eu tinha dito e tal. Eu acho que contribui até, pode até não mudar de uma forma geral aquilo que eu penso só em uma situação, mas eu acho que pode contribuir bastante sim. (L.90-92)
		Negative	Caroline: Ah, é.... Na verdade, quando eu tava lendo eu não sei se é porque a turma era pequena... ou o domínio [da língua inglesa], não que seja diferente agora no nível quatro, eu achei que eu queria falar muito mais coisas, entendeu? Do que eu realmente falei. Eu acho que mais porque faltava vocabulário. Faltou para eu construir à ideia, sabe? Eu tinha muito mais coisa construída a falar, mas que faltou língua. (L. 16-20)
			Caroline: [...] Como eu falei, o vocabulário, a língua em si, era um pouco uma barreira para eu conseguir expressar toda aquela ideia geral que eu queria. (L.34-36)
			Caroline: acho que eu podia ter expressado muito mais, sido muito mais produtiva, mas a língua infelizmente naquele momento era um empecilho. (L. 40-41)
	Interpersonal		Caroline: Às vezes, estou lá montando, as ideias já vêm em inglês e vou acrescentando. Penso em inglês e vou vendo “ah, acho que posso falar isso”. (L.24-26)

		Caroline: [...] Porque é uma coisa a ser debatida e acho que quando você consegue expressar em uma outra língua, acho que fica ainda mais forte... (L.53-54)
Educational	Retrospection	Caroline: [...] todas as aulas de língua inglesa que fiz, tanto em colégios, quanto cursos fora, antes de começar aqui; geralmente, as temáticas eram meio padrão, sabe? Vamos seguir o livro, vamos falar sobre aeroportos “hoje vamos falar sobre aeroportos e amanhã vamos falar sobre natureza” [...] (L.45-48)
	Prospection	Caroline: [...] Ah, é bom porque você aprende a falar coisas de verdade porque você não vai chegar na gringa e falar “Ah, vamos falar sobre elefantes hoje”, entende? Você quer falar sobre uma coisa palpável, entende? Uma coisa que você realmente vê e vive. Então eu acho que contribuiu sim. (L.50-53)
		Caroline: [...] Eu acho que é interessante até para você comparar no futuro como foi mudando a concepção de aula. Por exemplo, agora é o seu projeto de pesquisa em 2017, daqui 10 anos serão outras pessoas pesquisando metodologias de aula e se elas se depararem com o seu projeto elas podem comparar, sabe? “Ah, antes eles estavam começando a introduzir uma temática diferente; agora, no inglês conversamos sobre isso e mais coisas ainda” Então, acho que é legal porque você consegue contribuir para a pesquisa dos outros também. (L.55-60)
		Caroline: Então, talvez daqui há 10 ou 15 anos seja normal discutir esses temas. Talvez, no futuro, passem a achar que o padrãozinho é falar de todos os tipos de família, entendeu? (L.55-60)

APÊNDICE C - QUADRO ANALÍTICO APÓS A REUNIÃO DE ORIENTAÇÃO

		Sufficiency	Luiz: Eu fui me auto avaliando conforme estava lendo e fui pensando no que eu tinha dito e tal. Eu acho que contribui até, pode até não mudar de uma forma geral aquilo que eu penso só em uma situação, mas eu
--	--	-------------	--

Cognitio n	Retrospectio n		acho que pode contribuir bastante sim. (L.90-92)
			Caroline: Às vezes, estou lá montando, as ideias já vêm em inglês e vou acrescentando. Penso em inglês e vou vendo “ah, acho que posso falar isso”. (L.24-26)
		Insufficiency	Caroline: Ah, é.... Na verdade, quando eu tava lendo eu não sei se é porque a turma era pequena... ou o domínio [da língua inglesa], não que seja diferente agora no nível quatro, eu achei que eu queria falar muito mais coisas, entendeu? Do que eu realmente falei. Eu acho que mais porque faltava vocabulário. Faltou para eu construir à ideia, sabe? Eu tinha muito mais coisa construída a falar, mas que faltou língua. (L. 16-20)
			Caroline: [...] Como eu falei, o vocabulário, a língua em si, era um pouco uma barreira para eu conseguir expressar toda aquela ideia geral que eu queria. (L.34-36)
			Caroline: acho que eu podia ter expressado muito mais, sido muito mais produtiva, mas a língua infelizmente naquele momento era um empecilho. (L. 40-41)
	Tradition	Caroline: [...] todas as aulas de língua inglesa que fiz , tanto em colégios, quanto cursos fora, antes de começar aqui; geralmente, as temáticas eram meio padrão, sabe? Vamos seguir o livro, vamos falar sobre aeroportos “hoje vamos falar sobre aeroportos e amanhã vamos falar sobre natureza” [...] (L.45-48)	
		Innovation	Caroline: [...] Ah, é bom porque você aprende a falar coisas de verdade porque você não vai chegar na gringa e falar “Ah, vamos falar sobre elefantes hoje”, entende? Você quer falar sobre uma coisa palpável, entende? Uma coisa que você realmente vê e vive. Então eu acho que contribuiu sim. (L.50-53)

	Prospection	Scientific	Caroline: [...] Eu acho que é interessante até para você comparar no futuro como foi mudando a concepção de aula. Por exemplo, agora é o seu projeto de pesquisa em 2017, daqui 10 anos serão outras pessoas pesquisando metodologias de aula e se elas se depararem com o seu projeto elas podem comparar, sabe? “Ah, antes eles estavam começando a introduzir uma temática diferente; agora, no inglês conversamos sobre isso e mais coisas ainda” Então, acho que é legal porque você consegue contribuir para a pesquisa dos outros também. (L.55-60)
		Didactical	Caroline: Então, talvez daqui há 10 ou 15 anos seja normal discutir esses temas. Talvez, no futuro, passem a achar que o padrãozinho é falar de todos os tipos de família, entendeu? (L.71-72)

Alex Alves EGIDO

Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem e mestre pelo respectivo programa (2019). Membro da American Educational Research Association (AERA) e bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)

Simone REIS

Doutora em Ciências Sociais (2005) pela Radboud Universiteit Nijmegen, Holanda (título revalidado pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada do Instituto de Estudos da Linguagem, da Unicamp). Mestre em Linguística Aplicada junto à Unicamp (1998). Atualmente é Professora Adjunta no Departamento de Letras Estrangeiras Modernas da Universidade Estadual de Londrina.

Recebido em 21 março 2019 - Aceito em 01 julho 2019